À L.,
pilar forte em que me sustento.

Aos profissionais de saúde que
corajosamente dedicam toda uma vida
aos cuidados dos mais frágeis.

Velho nunca será ser, mas estar!

Eram duas da tarde, o Outono despedia-se num excesso de sol. Deixei o carro no parque das grávidas, como lhe chamava, andei duzentos metros, subi a rampa curva, atolada de gente e que, no início da era COVID, era o único acesso público ao Hospital de Santa Maria. Estava com tempo, tinha consulta daí a meia hora. Entrei no longo corredor e até me senti bem com a alteração da temperatura. Estava mais fresco. Comecei a suar. Era uma contradição estranha e dei comigo a pensar se o meu corpo não estaria a andar do avesso.

Há mês e meio que achava que sim. Cansaços súbitos, falta de apetite, menos dez quilos em quatro semanas e febres ioió, que iam e vinham como se fossem visitas de fim de tarde. Mas naquele dia tratava-se, apenas, de uma consulta de reumatologia, era uma rotina. Julgava eu.

Na sala de espera, lembro-me do desejo de que o tempo de chamada não fosse longo. Felizmente, não foi. Voltara a suar. Agora, de forma mais intensa, tinha a camisa colada ao corpo. A minha médica viu-me entrar e olhou-me como se estivesse a ver um fantasma.

«Sente-se bem?», foi a pergunta imediata, súbita, um alerta que me preocupou. Pediu-me para me sentar no divã do consultório, auscultou-me e verificou a tensão. Calamitosa. O ritmo cardíaco já ia em 130, os suores a escorrerem, a pele translúcida, as forças a fugirem sabe-se lá para onde.

«Vou tratar de o meter, imediatamente, no Serviço de Observações (SO), para saber o que se está a passar consigo.»

Nem passara meia hora e já um benfiquista efusivo me conduzia em cadeira de rodas, certamente muito acima do excesso de veloci-

dade hospitalar. «Também já levei alguns colegas seus da televisão, tudo gente simpática, como você, também não faço outra coisa, sou transportador. Ganha-se uma miséria, mas é assim a vida.» A corrida era longa até às urgências, mesmo escolhendo aqueles atalhos que só conhece quem «habita» o edifício; a conversa pouco me interessava, mas confesso que me diminuía a dúvida e a angústia.

Por isso, sorria de gratidão, enquanto ia vendo passar, em rasante, as esquinas das paredes e percorria becos inimagináveis. Nuns, fazia um frio de rachar; noutros, um calor das Maldivas.

Quando cheguei ao SO, fui directo à triagem. A minha médica, a Dra. E. S., tinha deixado tudo devidamente tratado para poder entrar com a maior urgência. A partir dali, o transporte seria com outro e o meu amigo benfiquista, com anunciada pena, disse-me adeus e animou-me: «Vai ver que não há-de ser nada».

O Serviço de Observações de Santa Maria conforta os doentes mais cépticos. Tem um ar limpo e organizado. Dois enormes balcões centrais como se fossem estúdios de televisão, médicos em atenção permanente a sinais, a imagens, a informações, sem tempo para conversas, sem tempo para falar da vida ou dos filhos, apenas com tempo para quem ali está.

Fui fazendo exames sequenciais. Radiografias, várias *ecos*, electrocardiograma. Tiraram-me sangue para análise. Felizmente, a minha cama ficava muito próxima de uma casa de banho para homens, o que me permitia umas escapadelas mais ou menos furtivas, num desenrascanço lusitano. Não havia mais nada para fazer. Ver e esperar. Tentava controlar a ansiedade, mas, quando me mediam a tensão e verificavam as pulsações, percebia o insucesso desse esforço mental perante o pragmatismo do meu corpo.

Chegam médicos ao balcão central, como se fossem fazer um *check-in* de hotel. Mostram papéis, resultados, discutem os assuntos clínicos, com método e organização. Quando se torna necessário, chamam médicos de outras especialidades, para avaliar melhor qualquer dúvida. Tudo tem um ar de eficiência e está muito longe da ideia de caos e de balbúrdia no Oeste que, não raras vezes, cá fora se tem dos

serviços hospitalares públicos. Isso confortou-me. Tinha medo de ali entrar e ficar esquecido em horas de angústia.

Já não tinha nada comigo. Nem telemóvel. Deram-me um pijama do hospital, com uma textura áspera, mas não demasiado desagradável. E ali fiquei deitado, a olhar o movimento como um patego. A ver quem entrava e quem saía. De repente, um sinal de alarme e vários médicos se precipitavam para saber a causa da emergência. Tudo regressava, rápido, à normalidade.

A T., médica em Santa Maria e mulher do meu amigo Zé Lima, fez-me uma visita reconfortante. Deu-me alguma orientação, mas não entrou em detalhes. Ela é de outra área clínica, ninguém pode ou deve interferir. Um doente, orientado diretamente, é da responsabilidade do seu médico e assim será sempre visto por todos, mesmo quando é consultado por outros especialistas.

Ainda acreditava que iria ter alta, que conseguiria, enfim, estabilizar e ir para casa. Na verdade, sempre me achei um mau doente em casa e um péssimo doente hospitalar, sempre invadido por fantasmas, que se entretêm a brincar com o meu corpo, puxando a tensão arterial para cima, como se tivessem um elástico nas mãos. Tentava pensar positivo, fingindo não ser o que sou: um doente pessimista convicto e militante.

Tinham passado seis horas desde a minha entrada nada triunfal no SO. A minha médica regressou de uma longa maratona de consultas. Falou com uma colega do serviço, recolheu as últimas informações e, logo depois, foi dizer-me que «não havia nada de errado» com o meu coração. Mais uns exames e, se calhar, teria alta, sim. Despediu-se e prometeu contactar-me no dia seguinte. Já era noite, pensei na vida familiar daquela gente. A irregularidade das horas, a impossibilidade de uma rotina de telejornais e novelas nocturnas. Nesse aspecto, assemelham-se muito aos jornalistas do tempo em que o jornalismo se fazia na rua e tinham de ter, na família chegada, gente com sensibilidade e paciência para saber esperar pelo inesperado.

Eram já onze da noite e não me foram dizer mais nada. Já tinha feito mais radiografias e *ecos*. Queriam, agora, uma nova *eco* de contraste, que obriga a alguns cuidados, porque se trata de um líquido

espesso que entra na veia e mostra os contornos dos órgãos de uma forma mais nítida. Fui e vim num ritmo rápido, pedi detalhes. «Isso, só com os médicos...» – é uma voz fria e profissional que me rouba espaço de diálogo.

Já passava da meia-noite, uns médicos saíram, outros entraram, já tinha havido mudança de turno. A nova médica responsável, que eu diferenciava facilmente por ser a única com uma touca cor-de-rosa, levantou-se, chamou uma colega, deu calmamente a volta ao grande balcão, parou para responder a uma solicitação de outro médico, veio serenamente até mim, sorriu-me e, com toda a tranquilidade do mundo, resumiu: «O senhor está com pequenos trombos embólicos periféricos num pulmão, sinais de infecção pulmonar, um rim algo atingido, mas em funcionamento...»

O anúncio soava-me como o relato de danos causados por uma batalha naval e eu só precisava de saber se me aguentava, se não ia ao fundo, se o porta-aviões ainda navegava. A médica terminava com uma notícia animadora: «O seu electrocardiograma tem um traçado normal».

Ficou à espera de que eu reagisse, mas eu não sabia bem o que dizer, para além do óbvio: «Acha que posso ir para casa?» Olhou-me, então, com uma sensibilidade solidária e, achei eu, carinhosa: «Não. Eu acho que o senhor não vai poder ir já para casa. Deve ficar internado para exames complementares e para conseguirmos estabilizar o seu estado. Daqui só deve sair sem riscos».

Não contestei, mas ainda tentei um pedido atabalhoado de clemência. Expliquei que nunca tinha ficado internado num hospital, que era um daqueles doentes de ansiedades incorrigíveis, que talvez pudesse recuperar melhor no conforto do lar. De facto, nem eu sentia convicção naquilo que dizia. Tentava, penosamente, o meu próprio convencimento. Sabia que, naquela situação de óbvio risco e de dúvida clínica, descrita, aliás, de forma tão razoável e segura, só se fosse louco é que insistiria em sair.

A médica da touca cor-de-rosa limitava-se pacientemente a ouvir a minha patética dissertação. Dei conta do disparate do arrazoado e eu próprio me interrompi subitamente. Que sim, dava o meu con-

sentimento. A decisão clínica era o mais importante e eu tinha de me conformar e de respeitar. Consentimento dado. Iria, então, ficar internado.

A médica despediu-se – «Acredite que é a decisão certa» – e iluminou ainda um pouco mais o sorriso no seu rosto cansado.

Nunca tinha estado internado num hospital público. Tinha ouvido dizer que não era experiência que se desejasse a alguém. Como seria, afinal? E, o mais importante, por quanto tempo? Dois ou três dias, no máximo – achava eu.

Vieram buscar-me ao SO perto da uma da manhã. Estava excitado, não tinha sono. Puseram, em cima da cama, toda a minha roupa, devidamente inventariada, valores, telemóveis, óculos – de repente, recuperava parte da minha vida. Liguei para casa. «Não me deixam sair. Vou ficar. Sabem os efeitos, pulmões, um rim afectado, querem controlar os estragos e conhecer as causas.» Do outro lado, a L. ouvia em silêncio, não me queria alarmar, conhece-me como, às vezes, nem eu me conheço. Apenas: «Sim, também acho que é o melhor. Só deves sair em segurança... Amanhã telefono logo de manhã, para saber como passaste a noite».

Santa Maria, às duas da manhã, é um edifício de aspecto sinistro, diria mesmo um pouco tenebroso. Um género de castelo de bruxas, cheio de cantos escuros e quartos com luzes mortiças. Corredores de silêncios ameaçadores. Vultos brancos que não sabemos bem se saem da nossa vulnerável imaginação.

Eu via passar, vertiginosas, as luzes do tecto. O meu transportador haveria de cumprir, depressa, a vontade de se encostar a qualquer lado e dormir um pouco, antes de sair do turno, provavelmente para apanhar um autocarro que o levasse para perto do segundo emprego, única maneira de poder ter uma vida com pão na mesa para ele e para a família. A grande maioria dos profissionais de saúde, principalmente enfermeiros, tem segundos e terceiros empregos. Soube isso depois. Uma prática infelizmente generalizada para a sobrevivência da espécie e que nada acrescenta ao proclamado orgulho de se ser português.

———

Elevador.

Piso 7.

Felizmente, tive a sorte de passar para uma cama junto à janela. Luz e Lisboa vista do alto. Na minha frente, as torres berrantes das Amoreiras, mais ao fundo, sumido na neblina, o Cristo-Rei de braços abertos, por nada poder fazer por mim. Parecia um cenário de um filme, que ainda não começara a ser rodado. Tentei conformar-me. Sentei-me na cama, deixaram-me um urinol pendurado e o aviso: «Durante as próximas vinte e quatro horas, tem de ficar aí quietinho, não pode sair da cama. Ordem dos médicos».

Não reagi, estava demasiado cansado e vencido. Deitei-me mais para trás, aconcheguei a roupa, olhei para o longe como um cão perdido.

Naquele preciso momento, não podia fazer mais nada. Talvez dormir.

O SENHOR A.

O sono, como se fosse um amigo retardatário, não aparecia à esquina dessa minha intensa vigília. Ali, quando as luzes se apagam, logo todos os sons se acendem. Das máquinas, dos movimentos nos corredores, dos roncares pesados dos doentes, alguns ruídos, apenas, na nossa cabeça.

Na penumbra, uma voz: «Maria Rita, Maria Rita, por favor não sejas má. Vem desatar-me, Maria Rita, sempre fui bom pai para ti...»

Era uma voz aflita, um pedido de socorro de alguém desorientado e frágil. Na verdade, não se dorme, apenas se sonha. Não conseguia distinguir muito mais além de vultos, de camas arrumadas, com cidadãos dentro.

Todos os outros companheiros de quarto dormiam, ou, pelo menos, não causavam incómodos de maior. Alguns estavam demasiado doentes, outros já tinham conseguido, pelo hábito, tornar o seu sono incorruptível, como aqueles que acordam e dormem num quarto ao pé da linha de comboio ou com janela virada para uma curva apertada por onde passam camionetas.

«Miguel, a Maria Rita não me ouve, ou não me quer ouvir. Anda tu desatar-me. Que mal é que eu vos fiz? Ainda me tenho de zangar a sério! Se continuo assim, não me posso levantar para ir para o trabalho. Quem é que vai trazer o dinheiro para casa, hem?...» – era um monólogo dramático. Não sabia como reagir àquilo, apenas que tinha de me habituar, de ouvir sem escutar, sons sem significado, sons que não deveria distinguir e descodificar, apenas sons, tinha de me deixar do vício do adjectivo. Sim, tinha de ser condescendente comigo mesmo; afinal, como eu estava farto de dizer, apesar da ausência total de

proveito, este era o meu primeiro internamento hospitalar em 68 anos de vida, felizmente, bastante sadia. Era evidente que não devia ser fácil conseguir dormir, apesar de já ter tomado um desses indutores de sono que não deixam marcas de sonolência dormente durante o dia.

Os meus olhos viajavam, agora, pelo quarto grande, branco, tectos altos, mas sempre com uma temperatura estável e até agradável. Éramos cinco naquele quarto, conseguia contar. Cada qual com a sua história de vida e provavelmente surpreendido, como eu, por uma fragilidade em que não se reconhecia.

«Zé Pedro, por favor, Zé Pedro, desculpa lá estar a chamar-te aí em baixo. Anda cá acima, faz-me o grande favor de me desatar para eu ir trabalhar. Há tanto tempo que és meu vizinho, Zé Pedro, não te importas de vir cá acima?» – insistia a voz que só eu estaria a ouvir.

As horas passavam, lentas e pegajosas, na madrugada. Os pedidos de ajuda daquele que viria a saber ser o senhor A. mantiveram-se, tão repetidamente, que comecei a recear que me levassem a uma exaustão mental. Tinha ordens médicas, precisas, para não sair da cama. Arrisquei um bocadinho, pus-me de pé, espreitei pelas fendas dos pesados estores de metal e acalmei-me. As luzes da cidade brilhavam num sinal de vida, de esperança, de mundo. A noite estava suave, só a pandemia obrigaria ao desaproveitamento nocturno da cidade. Era madrugada de sexta para sábado e eu tentava recordar a minha Lisboa viva e empolgante, o Bairro Alto a abarrotar de turistas, os jovens, na rua, poisando nos bares como pássaros irrequietos, as esplanadas cheias, em algazarra, a música a cada esquina, os vendedores de borboletas cintilantes, os mercadores de falso marfim, os negociadores de droga maldisfarçados, os nossos requintados jantares no Lisboa à Noite, onde bebíamos, juntamente com o «Dom Perignon da Bairrada» que o Toni nos levava, a festa dos amigos.

O Bairro, nas madrugadas de fim-de-semana, transformou-se profundamente. Foi o centro histórico da Lisboa nocturna, dos fadistas, dos intelectuais e das putas. Passou a ser, acima de tudo, o retrato de uma nova ordem pós-moderna da felicidade na vida. Instantânea, líquida, transitória. Agora, já não. Nesta desgraçada era COVID, o Bairro, sombrio, fechado, penoso, vazio, entristeceu-se. Mesmo assim,

quem me dera estar naquele momento na Travessa da Queimada, a subir à Misericórdia.

Tantas vezes palmilhei a Travessa da Queimada até ao largo, muitos anos antes da exibição do cauteleiro de bronze a estender o bilhete à curiosidade dos turistas. Muitas e muitas vezes, àquela mesma hora, quase ao romper da manhã, nos tempos das tipografias, dos jornais impressos a chumbo, um calor doentio, tudo prazeres na louca emoção de fazer jornais, aprendendo os segredos da vida nas conversas com os velhos tipógrafos. Nesse tempo, quando a clientela recolhia a casa, as putas já prestavam contas aos seus chulos, num negócio repetido lá mais para o cimo da Rua do Norte e da Travessa do Teixeira. A polícia conivente, os rufias de cicatrizes triunfantes, todo um povo de um mundo fechado em si mesmo. E nós, os jornalistas d'*A Bola*, fazíamos parte dele. Sobretudo, aqueles que saíam da tipografia do *Diário Popular* às cinco da madrugada, depois do fecho do jornal. Éramos respeitados. As putas, em fim de horário de trabalho, diziam-nos um adeus prazenteiro, chamavam-nos vizinhos e avisavam-nos quando os polícias de giro eram menos tolerantes com o estacionamento caótico dos nossos carros. Os chulos, encostados às esquinas, com as suas piriscas em cinza curvada, impávidos, conversavam entre eles, sem nos notarem. Mas é verdade que nos sentíamos seguros.

Certa madrugada, o Vítor Santos, então o senhor absoluto d'*A Bola*, um dos meus inesquecíveis mestres, atravessou o Bairro em tronco nu, todo marcado pela tinta da tipografia, como um assaltante maldisfarçado. Era Verão, estava muito calor, e nas tipografias a temperatura atingia, então, valores sufocantes. O Vítor Santos vestia apenas um avental e deixava a roupa na sua secretária, na redacção da Travessa da Queimada. Foi o que fez naquela noite, mas alguém fechara a porta e o «chefe» não levara a chave. Não podia fazer outra coisa. Desceu o Bairro naquela figura, tinha umas notas na algibeira das calças, deixou o carro onde estava e apanhou um táxi no Largo da Misericórdia. Muitos o viram, mas ninguém implicou, ninguém gozou. Era o Vítor Santos, toda a gente o conhecia e respeitava. O Vítor Santos era o «chefe» d'*A Bola*, ambos instituições nacionais dignas da continência do povo.

Reparo, assustado, na lonjura desse passado e estremeço. Estarei velho?

Os velhos eram, antes, apenas memórias e referências. Vem-me, agora, à lembrança uma conversa que tive com o António Lobo Antunes, na qual ele me disse com aquela voz de sussurro própria da surdez de que padece: «Vítor, você é ainda novo para o saber, mas chegamos a uma altura da vida em que temos mais mortos do que glóbulos no sangue».

Os mortos, de facto, são muitos. Vulnerável, como estou, trago a memória dos meus pais para o pé de mim. E Deus? Não sei d'Ele. Nunca soube Dele. Agnóstico, recordo o que, há bem pouco tempo, me disse o meu amigo Manuel Sérgio, numa daquelas conversas filosóficas de manhã de sábado, depois de insistir na grandeza de carácter do meu pai: «Meu amigo, eu sou um agnóstico que precisa de Deus».

Precisarei de Deus? A resposta interior deixa-me em dúvida existencial. Apenas concordo: precisar, num caso como este, seria demasiado oportunista para se relacionar com a fé. Tenho respeito e, provavelmente, inveja de quem a tem.

A minha mãe, por exemplo, tinha uma fé mística na Nossa Senhora de Fátima, mas não gostava de ir ao Santuário sem ser em alturas em que sentia vontade de uma peregrinação muito pessoal e íntima. O meu pai, sempre distante da religião, não só aceitava, como se tornava activamente colaborante. A minha mãe rezava por uns minutos, saía em silêncio, entrava no carro e recomeçava, logo aí, a normalidade da vida. Talvez fizessem esta viagem de ano a ano. Não mais. A minha mãe tinha em casa uma belíssima figura antiga da Senhora de Fátima e, quando precisava, falava com ela o que tinha a falar. Julgo que não muitas vezes. Raramente rezava e não gostava de missas. Dizia-me, em confidência: «Tenho uma fé muito minha...»

Memórias. Impressões digitais de um passado que, de repente, descubro, com a maior das surpresas, já ser muito longo. Daí a pergunta: «Já serei velho?» Repreendo-me, de imediato, pelo despropósito do verbo. Que disparate: velho nunca será ser, mas estar.

Boa altura de me fazer regressar à cama e ao desespero do meu inquietante vizinho. Não sei se a Maria Rita apareceu, ou se foi mesmo

o vizinho de baixo quem o foi salvar. Calou-se, enfim, e eu dei por mim a ser acordado, pouco depois, para as primeiras medições clínicas do dia. Não eram especificamente para mim. Eram as rotinas, as rondas da noite. À uma e às seis.

Quando aconteciam, todas as luzes do quarto se iluminavam com uma intensidade que fazia doer os olhos. Começavam as verificações das limpezas de fraldas, as mudanças, as primeiras lavagens. Havia um cheiro a mijo e a merda que circulava com espantosos níveis de diferente intensidade. Ainda bem que era um quarto amplo e de tectos tão altos. Perguntaram-me se queria um leite frio, umas bolachas, para poder descansar mais uma ou duas horas. Pedi um leite frio. Um pacote pequeno, que bebi com verdadeiro prazer, até porque tinha a boca seca, febril. E dormi mais duas horas, um sono como ainda não tinha tido naquela noite.

Quando acordei, ergui-me um pouco na cama. O senhor A. estava virado para mim. Muito magro e com um pescoço que me fez logo lembrar aquelas galinhas que o têm pelado. Sorriu, um enorme e rasgado sorriso: «Olha, tu também estás cá? Quando é que chegaste, que eu nem dei conta?»

Não sabia o que lhe responder, mas continuou: «Lembras-te de mim, não lembras? Brincávamos juntos no nosso bairro, no largo da igreja».

O meu bairro de infância tinha uma igreja. Eu morava a cem metros da Igreja da Memória. Tinha um largo, como quase todas as igrejas. Das traseiras do meu quintal podia ver-se esse largo e, por isso, a minha mãe deixava-me ir para lá jogar à bola com os meninos pobres que desciam da Ajuda. Seria possível?

«Por acaso não tens aí um telemóvel, para eu falar para casa para me virem buscar?» – o meu incómodo silêncio foi salvo pela entrada decidida de uma brigada de limpeza de camas, que incluía auxiliares e enfermeiras. Vinham vestidas com as mesmas fardas e eu ainda as confundia. Não sabia quem era auxiliar e quem era enfermeira. Com o tempo seria capaz de as distinguir. Uma das enfermeiras veio medir-me a tensão arterial e disse-me: «Já vi, lá dentro, que o senhor chegou

durante a noite. Eu entrei agora ao serviço. Faço parte desta equipa de enfermeiras do cocó».

Espantei-me, mas logo constatei a realidade quando vi algumas das suas colegas em esforçada ajuda das auxiliares e a despacharem fraldas, a limparem rabos, a deixarem corpos limpos. Descobri, assustado, que todos os meus companheiros de quarto pareciam desorientados. Não sabiam bem quem eram, nem onde estavam.

«Senhor A., quem é que eu sou?», perguntou a enfermeira mais jovem. E ele, sem hesitação: «Ora, que pergunta! Então és a minha filha, a Maria Rita. Fartei-me de chamar por ti, mas não me vieste desatar».

«Não sou a sua filha, senhor A., sou a sua enfermeira. Senhor A., diga-me onde é que nós estamos, que edifício é este?», foi a pergunta que se seguiu.

«Onde havíamos de estar? Estamos em casa...», respondeu, confuso.

«Não, senhor A., estamos no Hospital de Santa Maria. Olhe para mim, eu sou a sua enfermeira, estou a cuidar de si...» – era uma voz terna e condescendente, à espera de um sinal de lucidez, mas o senhor A. não reagia, olhava à sua volta, como se tentasse perceber, mas notei que não sabia o que era verdade e o que era mentira. Talvez não se importasse muito com isso. A verdade e a mentira da vida pouco o incomodavam naquele momento. E, logo depois, triunfante: «Mas, afinal, Maria Rita, porque é que tu não me vieste desatar desta cama, como eu te pedi?»

À PROVA DE MIM

Tomei o pequeno-almoço. Café com leite, um papo-seco como já não via desde tempos antigos do padeiro de casa em casa, manteiga sem sal. Esforcei-me por comer o mais que consegui. Nada me apetecia, mas era a minha contribuição para começar a tentar recuperar forças e ânimo. Estava com menos catorze ou quinze quilos do que há dois meses. Isso preocupava-me e preocupava os médicos. Não estava nada fácil entender o que se passava comigo. Conheciam-se os efeitos, graves e perturbadores, mas não se conheciam as causas.

A partir das dez da manhã, entrava a ronda dos médicos. Raramente vinham sozinhos. Muitas vezes, aos pares. Outras, em grupo. Os mais jovens ficavam, com distância, a observar. A aprender com os mais experientes. Por vezes, eram chamados a dar uma opinião, que era avaliada. Seriam estagiários em aprendizagem prática.

Um médico e uma médica aproximaram-se de mim. O Dr. J. C. R. e a Dra. J. M. Ele, mais velho, cabelos grisalhos, era o coordenador da equipa; ela, ainda muito jovem. A hierarquia, ali, é sempre respeitada e, por isso, seria ele a explicar, sem demasiados pormenores e sem criar cenários pessimistas, que se deveria tratar de um descontrolo do meu sistema imunitário, com consequências em vários órgãos. Com que extensão e gravidade, iria ser preciso avaliar, depois de se fazerem exames e análises. Disseram-me, por isso, que iriam pedir mais testes, análises, exames na imagiologia. Não tinha muito a dizer, limitei-me a reafirmar a minha vontade de fazer tudo para recuperar e ter alta o mais rapidamente possível. Deixaram-me desarmado, apesar da forma tranquila, até reconfortante, como falaram: «O senhor acredite que, no estado em que está este hospital, a precisar tanto de camas para

internamentos, só irá ficar por cá enquanto for estritamente necessário».

Senti-me envergonhado. Subiu-me um sentimento íntimo de pudor pelo meu egoísmo. Os médicos saíram tal como tinham chegado. Amáveis e discretos. Devem ter pensado ou dito entre eles: «Que asno este tipo nos saiu. Acha que o temos cá internado por prazer».

Não sabia quando iriam voltar, de certeza que não naquele mesmo dia, mas sentia-me clinicamente vigiado e isso era bom. Preparava-me então para uma bateria de exames clínicos. Os médicos procuravam, claramente, em duas direcções: doenças auto-imunes, como me tinha sido anunciado, e neoplasias, que tinham guardado para eles, julgo que para não me causar maior preocupação. No entanto, ambas as causas poderiam ser mais ou menos graves, consoante o estado nesse momento e o desenvolvimento. Ninguém, naquela altura, podia ser preciso. Esperar. Aprender a dominar a ansiedade, reter expectativas, moderar as perspectivas. Aos 68 anos, lados novos da vida, como uma assustadora descoberta. Eu à prova de mim.

Quando se está numa cama de hospital, pouco se faz e muito se pensa. É preciso cuidado com o que se faz e mais ainda com o que se pensa. Há, dentro de nós, labirintos por onde não se deve entrar. E, se, por acaso ou tentação de aventura, o fizermos, devemos ter a coragem de sair sem nos anunciarmos, antes de nos podermos perder. Melhor é tentar pensar em coisas fúteis, ver os programas televisivos que nem sabíamos que existiam.

Todos os quartos têm uma televisão grande na parede. Podemos pedir um canal, mas não podemos mudar. O comando fica sempre na posse da funcionária auxiliar. Só eu, naquele quarto, é que via televisão, mas ninguém parecia importar-se com isso. As enfermeiras achavam saudável, até para elas, que alguém pedisse para ligar o aparelho e se interessasse por qualquer coisa que tornasse aquele quadro mais normal, mais parecido com o mundo. Uma delas viria a confessar que, para mim, deveria estar a ser uma experiência terrível, mas que para elas, e para as auxiliares, ter ali alguém com quem podiam ter uma conversa normal, alguém orientado, que sabia quem era e onde estava, era uma dádiva.

Foi assim que descobri que as manhãs e as tardes, na maioria dos nossos principais canais televisivos, são tenebrosas e sádicas. Dizem-me que é a imposição das audiências, o que me alerta para a existência de um povo real e do qual, na verdade, pouco conheço. Um hospital público é um bom palco para aprender acerca dele. Por exemplo, o povo português tem medo de morrer à fome. Em qualquer circunstância, come. Bolachas ou sandes, fruta ou chocolates. Come. À espera de uma simples consulta, não tem nada mais para fazer, come, limpa os beiços às costas da mão e espera. Se esperar muito, comerá, outra vez, antes de o chamarem.

Também se constata como as pessoas são impacientes, infernizam a vida dos funcionários que atendem nos diversos serviços, e cria-se, não raro, um ambiente pesado e conflituoso. Há quem seja, apenas, chato, mas também há quem se torne agressivo e ameaçador. Muitos mostram uma intransigência que não transparece no histórico servilismo nacional, o que, pelos vistos, só acontece na relação com o poder ou mando. Ali, no hospital, os funcionários passam diariamente por situações lamentáveis e são intimados por qualquer espera mais prolongada: «Ou arranja maneira de me chamarem já, ou faço queixa de si». Quase sempre o funcionário ouve, sem entrar em discussão, mas há sempre quem sinta subir a mostarda ao nariz e, nesses casos, a balbúrdia instala-se.

Nas muitas horas de espera que viria a passar nos mais diversos serviços do hospital para me submeter a múltiplos e intermináveis exames, não me restava mais do que observar comportamentos humanos. Às vezes, invadia-me uma profunda decepção no que respeita aos portugueses, enquanto povo. Não sei se há um cansaço geral na população, pela vida que gostaria de poder ter e que nunca alcança. Não sei, sequer, por que razão a evolução social e cultural se fez no sentido do egoísmo e da intolerância para com os outros. Não sou sociólogo, apenas observo com um olhar crítico e atento. Foi essa a minha fórmula secreta para me manter desperto, para me manter activo, para me manter vivo.

Mas é bem verdade que foi uma lição útil. É este o povo que consome telejornais de hora e meia, cheios de historietas lancinantes

e dramas humanos, o que só é possível em países subdesenvolvidos. Que passa horas a ver programas que apelam à lágrima pela desgraça dos outros ou telenovelas de enredo de cordel e diálogos primários. Que acerca de tudo tem uma opinião a dar, apesar de garantir: «Eu sobre o tema não sei nada, mas acho que...» Achar é o verbo nacional. Achar o que dá na real gana não sujeita à responsabilidade. É o direito de expressão da asneira, a exibição da ignorância, a manifestação da única autoridade possível nas suas vidas de paus-mandados. Alguns, mais tecnologicamente habilitados, usam as redes sociais para atirar ofensas como pedras a quem não conhecem, sobre assuntos de que nada sabem, reconciliando-se, assim, com a sua própria frustração.

A médica, a Dra. J. M., que pouco antes me tinha visitado na companhia do chefe de equipa, voltou. Não a esperava e fiquei surpreendido por vê-la. É uma jovem demasiado desgastada para a idade, porque a vida hospitalar não é fácil, sobretudo para médicos menos experientes, aos quais mais se exige em disponibilidade. Terá, muito provavelmente, menos idade do que as minhas filhas. Trazia, com ela, uma colecção bizarra de tubos e de seringas. Juntou-se-lhe uma enfermeira. Bateu-me no braço direito, procurou uma veia mais saliente, enfiou uma agulha. Senti a dor fina em crescendo. Não evitei um ligeiro gemido no momento do reencontro certo da agulha com a veia. Tiraram sangue, encheram nove ou dez tubinhos diferentes do meu sangue vermelho-escuro, e deixaram, com cuidados de segurança, um cateter no braço, que seria, até sair do hospital, o local de encontro entre o tratamento necessário, os exames e as análises diárias. Incomoda no início, torna-se, rapidamente, num hábito que o nosso corpo ajuda a entender e desvalorizar.

Não há grandes explicações. Parte-se do princípio da confiança. Sabem, certamente, o que estão a fazer. Fica-se com uma sensação agradável, de que nos estão a ajudar. Uma lição de humildade pela evidência da importância do outro. Por isso, retribuo colaborando sem fazer perguntas. O respeito tapa a curiosidade.

Não conseguia, ainda, distinguir rostos entre as enfermeiras. Estavam em larga maioria. Naquele turno, apenas um homem. Chamava-se P. P., era do Sporting e um leitor d'*A Bola*, seguindo a tradição do

seu pai. Naquele meu primeiro dia completo de internamento, ainda não poderia saber que ele iria ser um personagem importante para alguns esclarecimentos e algumas conversas mundanas, que ajudam às defesas da mente.

Foi ele quem me deu a notícia: «Vamos levá-lo lá abaixo para fazer umas *ecos* abdominais e do pulmão». Ia começar a maratona radiológica que haveria de atravessar dias de impaciência e de angústia.

Passou, talvez, meia hora, e um dos auxiliares chegou para me levar do quarto. Passei da cama para uma cadeira de rodas e tive uma sensação estranha de fragilidade e dependência. A descida no elevador ao piso de saída somou-me saudades do mundo e, sobretudo, da minha família. Tinham-me relembrado de que, nesta fase de pandemia, todos os doentes estão proibidos de ter visitas. O contacto só pode ser feito por telemóvel, mas, felizmente, não há limitações nem horários para chamadas por WhatsApp, com imagem. Não me via ao espelho, mas calculava que estivesse com um aspecto assustador. Nem me atrevia. Todas as chamadas que fazia eram apenas de voz. Mas essa era, apesar de tudo, uma boa maneira de não me sentir sozinho, isolado em mim, ou na minha complicada cabeça.

O transportador deu nota da minha presença na imagiologia. Despediu-se com um «Até já, quando acabar vimos buscá-lo».

Como é que eles iriam saber quando é que tinha acabado? Fiquei desamparado. Estava num canto da sala de espera reservado a camas e cadeiras de rodas. Um desalentador enquadramento. Não era o facto de ver tanta gente em pior estado que me animava. Pelo contrário, era um cenário depressivo.

Chamaram pelo meu nome, ergui instintivamente o braço, como se fosse aluno na escola, levaram-me para os primeiros exames. Os técnicos eram jovens e solícitos. Não teriam grande experiência, mas só nos resta confiar neles. Dão-nos algumas pequenas informações de carácter mais positivo, mas todos avisam para o facto de que é preciso esperar pelo relatório médico. Depois, voltei para o «parque dos doentes em cadeiras de rodas», à espera de que me voltassem a chamar para outros exames. E chamaram. Às vezes, muito espaçadamente. Reaprendia, pois, o que seria a minha nova noção de tempo. Eu,

que sempre fui um jornalista que aprendeu o tempo numa perspectiva de urgência de informação, percebia melhor, agora, que a medida de tempo é flexível e complexa. Procurei continuar a desenvolver métodos mentais de paciência. Quando me aproximava do precipício do desespero, usava os sentidos para pensar em algo que me despertasse nova atenção.

Eram quase três da tarde. Uma manhã passada em exames e esperas. Estava pronto para que me fizessem regressar ao meu quarto, não sabia se alguém tinha sido avisado de que eu existia e estava ali. Não sabia se teria de esperar muito mais, se iriam dar pela minha falta. Passavam, em voo rasante, funcionários que não nos ouviam, nem olhavam. Ali, não há contemplações. Fazem o que têm para fazer e não há excepções a essa regra. Só me restava esperar que o sistema funcionasse. Esperei muito. Esperei até ao cansaço de mim.

Uma auxiliar aproximou-se, enfim: «Então, vamos voltar lá para cima?» A pergunta seria sempre menos óbvia do que a resposta. O meu novo transportador privado tinha trazido mais um doente e aproveitava, no regresso, o pleno na viagem. Pelo caminho, ia-me dizendo que, diariamente, andam dezenas de quilómetros por aqueles corredores. São poucos, daí a demora no transporte interno de doentes. Concluiu: «É por isso que esperamos pela ordem de levar um doente, antes de irmos buscar outro. Mesmo assim, quando chego a casa, tenho os pés e as pernas numa lástima de inchaços».

Quando regressei ao quarto, ainda tinha o almoço num tabuleiro em cima da mesinha junto à cama. Sentei-me, procurei retirar a tampa ajustada da sopa e não consegui. Pedi ajuda, uma auxiliar foi em meu socorro: «Eu também não sei como é que eles conseguem fazer isto, é sempre tão difícil de abrir...»

Fiquei um pouco mais contente, não era falta de força, nem de habilidade. Sorvi uma colher de sopa, fiz uma careta, estava gelada e só depois reparei num pequeno papel na margem do tabuleiro: «Dieta sem sal».

Que todos os problemas fossem a ausência de sal. Os ingredientes serão razoáveis, desde os legumes, à carne e ao peixe, embora tivesse conhecido, ali, novas espécies de peixe, que nem me passava pela

cabeça que existissem. O problema está no desmazelo da confecção, que tanto pode ser encruada, como cozinhada até à expiação total da culpa dos elementos que se juntam num prato sempre quase despropositadamente farto, atafulhado, mesmo. Claro que percebo que não estava propriamente num hotel e até admito que estivesse muito mal-habituado. No meu quarto, apenas eu e o senhor A., que continuava, quando se lembrava, a chamar pela Maria Rita, podíamos comer normalmente. Todos os outros eram alimentados a papas e comidas líquidas. Mas o senhor A. não contava. Comia tudo o que lhe punham à frente com uma faminta devoção. Igual, aquele monte de cozinhado caótico, que não lhe sobejava no prato, a um cherne grelhado, em Setúbal, ou a uma posta mirandesa, no Nordeste Transmontano.

Assaltava-me uma preocupação. Se não conseguisse habituar-me a isso, iria ter mais dificuldade em recuperar. Continuava a perder peso...